

CORREIO SUDESTE

Paulo Pinto/Agência Brasil



De 2.505 notificações, 1.232 foram para a região

Região concentra metade dos alertas de desastres emitidos

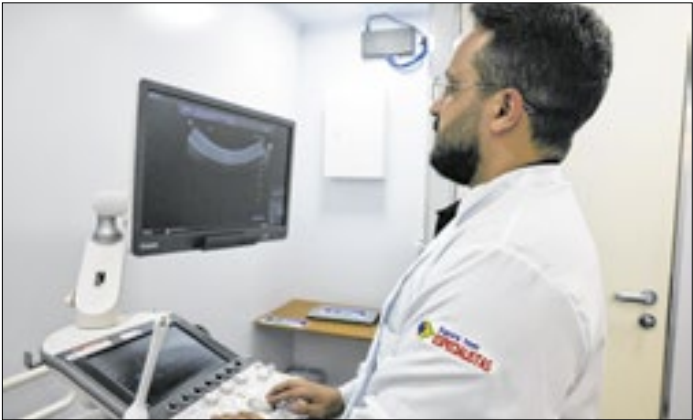
O Sudeste do país concentrou quase metade dos alertas de desastres emitidos em 2025. De 2.505 notificações, 1.232 foram para a região. Do total de avisos, 1.395 foram relacionados a chuvas, como inundações e enxurradas, e 1.110 a riscos como os de deslizamentos.

A informação é do Cemaden (Centro Nacional de Monitoramento e Desastres Naturais) e considera 415 municípios sudestinos monitorados pelo centro, entre 1.133 acompanhadas em todo o país, número que também foi aumentando desde 2011, ano de criação do órgão. Já o número de recorrências também teve proporção similar no Sudeste do país, com 642 das 1.493 ocorrências registradas, cerca de 43% do total.

A situação é esperada pelo Cemaden

A situação é esperada pelo Cemaden por causa da combinação de fatores como a frequência de chuvas intensas, a densidade urbana e populacional e a quantidade de municípios monitorados na região. Manaus, São Paulo e Petrópolis foram as cidades com mais notificações emitidas no ano passado, com 69, 49 e 30 alertas, respectivamente. No estado paulista, há ainda Ubatuba (23), Santo André (21), São Sebastião (17) e Guarulhos (17).

Fabio Rodrigues-Pozzeborn/ Agência Brasil



Expansão acontece em Niterói e Duque de Caxias

Agora tem Especialistas: mais vagas

Quatro hospitais da operadora de plano de saúde Hapvida começaram na sexta a atender pacientes pelo SUS. Serão feitos cerca de 300 atendimentos por mês nas unidades localizadas na capital e nas cidades de Niterói e Duque de Caxias. A operadora assinou contrato com o Ministério da Saúde para integrar o programa Agora Tem Especialistas, que permite a conversão de dívidas dos planos com o SUS em atendimentos especializados. Por isso, vai ofertar R\$ 4,8 mi em procedimentos cirúrgicos ginecológicos, cardiológicos e oncológicos.

Mais mortes por intervenção policial

Em 2025, 797 pessoas morreram em decorrência de intervenção policial em todo o estado do Rio de Janeiro, o que representa um aumento de 13% em relação às 703 mortes registradas em 2024.

Os dados foram divulgados nesta sexta-feira (16) pelo Instituto de Segurança Pública (ISP) do governo do estado do Rio de Janeiro.

Vítimas da chuva

O Corpo de Bombeiros de São Paulo mantém as buscas na região do Campo Limpo, na zona sul da cidade, onde uma mulher está desaparecida desde a noite de sexta. Uma mulher chamada Maria, de 67 anos, estava com o marido, Marcos da Mata Ribeiro, de 68, em um HB20 branco. Eles foram levados pela água.

Delegada é presa

O Ministério Público de São Paulo fez, na manhã de sexta a Operação Serpens, para investigar o envolvimento da delegada de polícia Layla Lima Ayub suspeita de ter envolvimento com a facção criminosa do Primeiro Comando da Capital. Emposada no cargo em dezembro passado, ela está presa.

Risco de seca

A média de chuvas em praticamente todas as estações de medição da região metropolitana de São Paulo está abaixo da média histórica para janeiro e tende a se manter assim durante todo o primeiro trimestre do ano, com exceção do posto de medição do Mirante de Santana, na zona norte da capital.

Apagões em SP

Os apagões em São Paulo vão ser investigados pela Advocacia-Geral da União (AGU) após ordem do presidente Lula. Uma portaria, publicada nesta sexta-feira (16) no Diário Oficial da União, criou um grupo especial que vai avaliar os casos e as medidas adotadas pela concessionária Enel. Os procuradores vão analisar todos os episódios.

Vacinação

O ministro da Saúde, Alexandre Padilha, deu início no domingo à campanha de vacinação em massa contra a dengue em Botucatu, com o uso da vacina Butantan-DV. O imunizante é o primeiro do mundo em dose única que previne contra a arbovirose, com tecnologia 100% nacional do Instituto Butantan.

Coleta seletiva

A Comlurb realizou, no sábado, a primeira campanha de incentivo à coleta seletiva de 2026, com evento programado para a feira livre da Rua Teresa Cavalcante, em Piedade, Zona Norte. Desde março de 2023, a campanha está presente em pontos de grande visibilidade em todas as áreas do município.



Reportagem esteve na comunidade Morro da Lua, em SP

Racionamento de água e o maior risco de dengue

Necessidade de armazenar água torna local mais vulnerável

Há pelo menos três meses, Carol Gomes, 40, moradora da comunidade Morro da Lua, no Jardim Ingá, distrito de Campo Limpo, zona sul de São Paulo, armazena água em um tanque e em baldes e garrafas. É a única alternativa, ela diz, para que a família de quatro pessoas tenha água para beber, tomar banho e cozinhar.

“Chegamos a ficar três, cinco dias direto sem água, e o único dinheiro que temos para a condução, para ir trabalhar, usamos para comprar. E armazenamos do jeito que dá”, afirma.

Por medo de contrair dengue, Carol conta que cobre o tanque com um plástico.

A reportagem circulou pela comunidade na última segunda-feira (12) e flagrou muitas casas com baldes cheios de água nas garagens e nos quintais, sem nenhum tipo de vedação.

Na comunidade Morro da Lua, a Folha também flagrou locais com pneus abandonados, lixo e caixas d’água destampadas e cheias de larvas que podem ser do mosquito Aedes aegypti, que transmite dengue, zika e chikungunya.

De acordo com um morador, os ventos fortes do último mês arrancaram as tampas e as pessoas não perceberam. “Tem várias [caixas d’água] sem tampa por aqui”, relatou o homem.

Pela manhã, quando há abastecimento, Jacinta Góes de Souza, 51, enche os baldes e aproveita para

lavar a roupa acumulada. Para beber, compra água de um vizinho.

Marlene Campos dos Santos, 63, tem um restaurante de comida mineira na comunidade. Em uma área de serviço do estabelecimento ela mantém três galões destampados com água para lavar a louça. A água que usa para cozinhar ela precisa comprar.

A reportagem a questionou sobre o risco de a dengue. Para a comerciante, como os galões permanecem em local com porta fechada, não há perigo. Marlene conta que, há mais de um ano, ela e o filho pegaram a doença. Diz acreditar que o foco dos mosquitos estivesse em uma poça em frente à sua casa, no Jardim Ingá.

Armazenar água de forma inadequada potencializa o risco de formação de criadouros de Aedes aegypti.

“Anos atrás, em 2014 e 2015, já vivemos essa situação de uma epidemia de dengue relacionada à situação hídrica”, diz Tamara Nunes de Lima-Camara, professora associada ao Departamento de Epidemiologia da Faculdade de Saúde Pública da USP. Em agosto de 2014, 1 a cada 20 paulistas era submetido a racionamento de água e convivia com interrupções no abastecimento que duravam de quatro horas a dois dias seguidos.

Patrícia Pasquini e Rubens Cavallari (Folhapress)